

## DEZ LIVROS PARA CONHECER A TIPOLOGIA LINGUÍSTICA

*Paulo Chagas de Souza (DL)*

Velupillai (2012) define a tipologia linguística como sendo o estudo e a comparação sistemáticos das estruturas linguísticas. É difícil precisar uma data exata de início da tipologia linguística, mas seus primórdios datam de pelo menos dois séculos e meio atrás. Já em 1772, Johann Gottfried Herder discutia em sua obra *Abhandlung über den Ursprung der Sprache* (*Tratado sobre a Origem da Linguagem*) os méritos de comparar as línguas para entender os falantes e suas mentalidades. Uma primeira tipologia de fato no sentido de classificar as línguas de acordo com suas características (e não com base em sua origem genealógica, que foi o que predominou em fins do século XVIII e durante o século XIX) foi algo feito inicialmente por August Wilhelm von Schlegel, que em sua obra *Observations sur la langue et la littérature provençales* (1818) distinguiu as línguas com base em sua morfologia em línguas isolantes, aglutinantes e flexionais.

O termo *tipologia* foi aplicado à linguística pela primeira por Gabelentz, que escreveu na 2ª edição de seu livro *Die Sprachwissenschaft* (1901 [1891]) que se alguém pudesse batizar uma criança ainda não nascida, a disciplina contemplada por ele, ela deveria se chamar *tipologia*.

Já no século XX, uma tipologia bastante sofisticada foi proposta por Sapir em seu livro *Language* (1921). Ele rejeita a tipologia tradicional, proposta por Schlegel, pois a mesma língua pode ser tanto aglutinante quanto flexional, por exemplo. Sapir propõe uma classificação das línguas baseada em três critérios. O primeiro é a natureza dos conceitos expressos pela língua, o segundo é a técnica usada pela língua (aproximadamente a classificação de Schlegel), e a terceira é o grau de síntese.

Mas o autor que pode ser considerado o grande propulsor da disciplina tipologia linguística foi Greenberg, que nos anos 60 inicia um novo programa de pesquisa. Ao contrário de autores anteriores, que estavam mais interessados em identificar as diferenças entre as línguas, Greenberg se preocupou em identificar características universais das línguas, tanto universais absolutos quanto estatísticos, além de elaborar formas de medir essas características, como, por exemplo, o número médio de morfemas por palavra, que converte a tipologia morfológica num contínuo.

O trabalho inicial de Greenberg correlaciona três parâmetros de ordem sintática: a existência de preposições ou posposições na língua; a ordem básica de sujeito, verbo e objeto (SVO, SOV, VSO, VOS, OSV ou OVS); e a posição do adjetivo com relação ao substantivo.

Greenberg verificou que determinar uma dessas características pode implicar qual a ordem de outra dessas características, o que faz parte dos universais implicacionais.

Além dos dez livros presentes neste texto, outras obras fundamentais mas não comentadas aqui são *Language Typology*, *Language Universals*, organizada por Haspelmath; e as séries de monografias *Empirical Approaches to Language Typology* e *Typological Studies in Language*.

- 1) Greenberg, J. H. (1966). **Language universals: With special reference to feature hierarchies**. Haia: Mouton.

No prefácio à reedição desse livro, datada de 2005, Martin Haspelmath, um dos grandes tipologistas da atualidade, avalia a obra como uma das pedras preciosas da linguística do século XX (“one of the true gems of 20th century linguistics”), apesar de ter apenas 89 páginas. Nela Greenberg retoma e aprofunda a ideia de que em cada par de oposições, como surdo vs sonoro, ou singular vs plural, um elemento é o não marcado. Se na linguística de Praga (de Trubetzkoy e Jakobson) essa assimetria era considerada como parte de línguas sincrônicas específicas, Greenberg enfatizou os aspectos universais dos fatores substantivos da fonética, da semântica, do uso da língua e da mudança linguística como parte de seu quadro explicativo.

Haspelmath cogita que esse livro não teve o mesmo impacto que o artigo "Some universals of language with particular reference to the order of meaningful elements" porque o artigo tratava de sintaxe, enquanto que o livro tratava de fonologia, morfologia e termos de parentesco, enquanto nos anos 60 e 70 a linguística estava “obcecada com a sintaxe e sua relação com a semântica”. Ainda de acordo com ele, nessa época a morfologia não era um tema que repercutia, e a fonologia tinha que ser feita no quadro de Chomsky & Halle (1968), que não se preocupava em realmente explicar os padrões fonológicos relacionando-os a fatores fonéticos.

- 2) Song, J.J. (org.) (2011). **The Oxford Handbook of Linguistic Typology**. Oxford: Oxford University Press.

Livro fundamental para quem pretende se aprofundar em questões de tipologia, o qual apresenta 30 capítulos em 4 partes: bases da tipologia (história, teoria e método); dimensões teóricas; dimensões empíricas e a tipologia num contexto mais amplo. A primeira parte apresenta um pouco da história da tipologia e discute quais são suas principais tarefas e questões, bem como em que a tipologia se diferencia de outras abordagens de estudo da língua.

A segunda parte traz capítulos teóricos mais gerais, sobre: marcação, motivações conflitantes, protótipos, hierarquias, processamento e conhecimento de língua. A terceira parte é formada por capítulos sobre temas mais circunscritos, tais como: ordem vocabular, classes de palavras, tipologia de vozes, sistemas de tempo/aspecto/modalidade, tipologia sintática, morfológica, semântica e fonológica. A última parte do livro situa a tipologia num contexto mais amplo, trazendo capítulos que relacionam a tipologia à linguística histórica, ao contato linguístico, à aquisição de L1, à aquisição de L2, à documentação linguística e à gramática formal.

Nas palavras de Velupillai, “Song (2001) introduz não apenas as áreas centrais dos estudos tipológicos mas provavelmente traz a discussão mais completa de todas as obras introdutórias sobre as questões metodológicas e as abordagens relacionadas à tipologia assim como a aplicabilidade da tipologia linguística para além da área em si.”

3) Dryer, M. & Haspelmath, M. (orgs.). 2011. **The World Atlas of Language Structures Online**. München: MPDL.

Foi publicado primeiramente como livro com CD-ROM em 2005 e desde 2008 está disponível online. A segunda edição online data de 2011. Em 2013 foram corrigidos alguns erros principalmente nos capítulos 1 e 3. Atualmente não há mais novas edições, mas o site é continuamente atualizado e traz informações sobre a atualização. É fundamental para se ter uma ideia do trabalho tipológico que tem sido feito nos últimos anos. Reúne uma quantidade impressionante de informações sobre línguas do mundo inteiro. Tem 144 capítulos que tratam de temas de fonologia, morfologia, sintaxe, léxico e outros temas. Está acessível online no endereço <http://wals.info/>

O WALS online contém quase 200 verbetes em 144 capítulos, já que alguns têm subdivisões. O capítulo 144, sobre a negação, contém 25 verbetes. Há capítulos de fonologia, de morfologia geral, categorias nominais, sintaxe nominal, categorias verbais, ordem vocabular, orações simples, períodos complexos, léxico, línguas de sinais, outros temas (sistemas de escrita e uso paralinguístico de cliques), e negação. Há 19 capítulos de fonologia, 10 de morfologia geral, 28 sobre categorias nominais, 7 sobre sintaxe nominal, 16 sobre categorias verbais, 17 sobre ordem vocabular, 24 sobre orações simples, 7 sobre períodos complexos, 10 sobre o léxico, 2 sobre línguas de sinais, 2 sobre outros temas (sistemas de escrita e uso paralinguístico de cliques), e ao final 2 sobre negação.

Uma característica extraordinária da edição online é a possibilidade de ver mapas de todos capítulos, os quais mostram a distribuição dos tipos de línguas pelo globo com relação aos fenômenos tratados no capítulo.

- 4) Moravcsik, Edith (2013). **Introducing Language Typology**. Cambridge: Cambridge University Press.

Esta é uma introdução bastante acessível à tipologia linguística em sete capítulos.

O capítulo inicial apresenta a proposta de Bickel de que a tipologia trata do que ocorre e onde ocorre. Moravcsik explica que as semelhanças entre as línguas podem ser explicadas por uma origem comum, por contato, ou pelo ambiente cultural comum. Depois disso ela passa a falar dos tipos e dos universais linguísticos, tratando dos tipos de generalizações: incondicionais ou irrestritos vs condicionais ou restritos. Faz também a distinção entre generalizações universais (absolutas) e as estatísticas. E discute a questão da amostragem e das fontes de dados utilizados na tipologia.

Os capítulos seguintes tratam, nessa ordem, do léxico, da sintaxe, da morfologia, da fonologia, da mudança linguística, e das preferências interlinguísticas.

O capítulo do léxico trata, por exemplo, da variação partonômica (ou talvez melhor, meronômica), de como as línguas segmentam os objetos; e da variação taxonômica, ou seja, de como as línguas classificam. Esses dois tipos são aplicados a partes do corpo e termos de parentesco.

O último capítulo entra num nível mais teórico, defendendo que a sincronia é explicada pela diacronia, que a diacronia é explicada pela aquisição e pelo uso, e que a aquisição e o uso são explicados pela função, inserindo, assim, claramente a tipologia num quadro funcional.

- 5) Velupillai, Viveka (2012). **An introduction to linguistic typology**. Amsterdam: John Benjamins.

Possivelmente o melhor livro de introdução à tipologia atualmente, consegue dar uma visão ampla e aprofundada da área. É o livro no qual tenho baseado meus cursos.

O livro apresenta três características muito importantes que devem ser ressaltadas. A primeira é que todos os capítulos com frequência fazem referência ao WALS, se beneficiando de seus resultados, além de outras bases de dados disponíveis publicamente.

Outra característica que o distingue dos demais livros da área é que ele sistematicamente traz as línguas de sinais para a discussão. Ao final de cada capítulo, depois de ter discutido algum aspecto das línguas orais, como classes de palavras, por exemplo, ela passa a examinar em algumas páginas como esse aspecto funciona nas línguas de sinais, preenchendo uma lacuna importante na literatura e abrindo novas perspectivas no estudo e na pesquisa tipológica.

A terceira característica que eu destaco é o fato de o livro tratar com um nível de detalhe considerável os principais níveis de descrição gramatical, indo desde a fonologia, passando pela morfologia e sintaxe, até a pragmática, com questões como a polidez, até a mudança linguística. É um livro que não deve faltar nas leituras de quem se interessa por tipologia.

6) Whaley, Lindsay (1997). **Introduction to Typology: The Unity and Diversity of Language**. Sage.

Assim como o livro de Moravcsik, é uma introdução bastante acessível à tipologia e ao estudo dos universais. O livro se restringe, no entanto, à morfologia e à sintaxe.

Os dois primeiros capítulos trazem uma introdução e um histórico da tipologia. O terceiro capítulo trata dos tipos de universais e dos diversos tipos de explicação desses universais, o que compreende explicações baseadas no discurso, no processamento, na economia, na percepção/cognição e na iconicidade. O capítulo 4 trata das categorias básicas: as lexicais (morfossintáticas), as semânticas e as relações gramaticais. Esses capítulos compreendem a primeira parte do livro. A segunda parte traz dois capítulos dedicados à ordem de constituintes e seus universais. A terceira parte trata da morfologia, incluindo dois capítulos, que tratam dos morfemas e da tipologia morfológica. A quarta parte aborda as propriedades semânticas e relacionais dos nominais, tratando de fenômenos como caso, concordância, animacidade, definitude e gênero. A quinta parte é voltada para fenômenos verbais: tempo, aspecto, modo, negação e a morfossintaxe dos atos de fala (declarativos, imperativos e interrogativos). A sexta e última parte trata de períodos complexos: subordinação, e coordenação e cossubordinação.

7) Croft, William (2002). **Typology and Universals**. 2a. ed. Cambridge University Press.

Obra clássica em tipologia, a qual discute a unidade e a diversidade das línguas em profundidade. Sua 1a edição foi publicada em 1990, e depois foi revista e atualizada para a 2a edição em 2002.

No cap. 1, Croft contrasta a abordagem gerativista e a tipológica, e trata de questões como a comparabilidade interlinguística, a amostragem e a fonte dos dados. No capítulo seguinte, detalha a classificação tipológica baseada em estruturas morfossintáticas, examinando estruturas simples, relacionais e indexicais. O cap. 3 trata de motivações conflitantes ou em competição, isto é, de situações em que há forças levando a resultados diferentes e a questão da priorização. Um dos temas tratados no capítulo é a divisão da ordem de constituintes na sentença em dois parâmetros, proposta por Dryer, de um lado SV/VS e do outro VO/OV. Outros são a proposta de Hawkins sobre a ordem dentro do SN como sendo baseada em peso (*heaviness*) e harmonia; e os tipos não rígidos. O cap. 4 trata da marcação (*markedness*) tipológica, da economia e da iconicidade. O cap. 5 trata de hierarquias como uma série de universais implicacionais, e exemplifica com hierarquias de animacidade, definitude e pessoa. O capítulo trata ainda do modelo dos mapas semânticos. O cap. 6 aborda os protótipos e a reversão de marcação, quando um termo que seja marcado aparece como não marcado, como no caso de plurais mais simples do que os respectivos singulares.

O cap. 7 trata da argumentação e das estruturas sintáticas em tipologia. O cap. 8 aborda aspectos diacrônicos relacionados à tipologia, e o capítulo final discute o que significa pensar como um tipologista, o que inclui considerar a diversidade como algo básico, utilizar um método indutivo, considerar que os universais linguísticos são contrabalançados pela arbitrariedade, e que a língua é sempre dinâmica.

8) Shopen, Timothy (org.) (2007). **Language Typology and Syntactic Description**. 3 Vols. 2a ed. Cambridge University Press.

Obra fundamental em três volumes sobre tipologia sintática. O primeiro trata da estrutura da oração, o segundo de construções complexas, e o terceiro das categorias gramaticais e do léxico.

O Volume I discute os seguintes temas: classes gramaticais e a distinção entre classes abertas e classes fechadas; ordem de constituintes, com questões tais como como identificar a ordem básica, como tratar as exceções, e línguas com ordem flexível; as funções do sintagma nominal; os tipos de oração, predicados verbais e não verbais; os tipos de atos de fala e sua relação com os tipos de orações (declarativas, interrogativas, imperativas); a voz passiva, com

as passivas básicas, as não básicas e construções que se assemelham à passiva; e no último capítulo a apresentação das informações na oração (*information packaging in the clause*).

O Volume II trata da coordenação, seus tipos e questões relacionadas; da morfologia, da sintaxe e da semântica da complementação; da estrutura do sintagma nominal simples, complexo e sem substantivos; das orações relativas; das orações adverbiais; e por fim dos períodos compostos (*sentences*) como combinação de orações (*clauses*).

O Volume III aborda as distinções tipológicas relacionadas à formação de palavras, com temas como composição, derivação e incorporação nominal; tipologias lexicais; a morfologia flexional, tratando, por exemplo, do caso, do lócus da marcação morfológica e da marcação (*markedness*); gênero e classes nominais, com questões como gêneros *defaults* e resolução de gênero; aspecto, tempo e modo; e conclui com as nominalizações lexicais.

9) Comrie, Bernard (1989). **Language universals and linguistic typology: Syntax and morphology**. 2a. ed. Oxford: Blackwell.

Livro clássico sobre universais, que começa discutindo em detalhe e contrastando duas abordagens bem diferentes: a gerativista e a tipológica. Ainda no primeiro capítulo, Comrie trata dos tipos de universais e dos tipos de explicação propostas para os universais. No segundo capítulo, intitulado *Typology*, ele argumenta que é impossível dissociar o estudo dos universais e o estudo da diversidade linguística. Discute também a existência de parâmetros relevantes e outros irrelevantes para a classificação tipológica. Discute a tipologia morfológica tradicional iniciada por Schlegel e apresenta como alternativa melhor a que opõe línguas analíticas a sintéticas e considera também o grau de fusão dos morfemas. No final do capítulo discute outros parâmetros morfológicos, como o de marcação do núcleo vs. marcação do dependente.

O cap. 3 fala dos pré-requisitos teóricos, que são: papéis semânticos, papéis pragmáticos, relações (ou funções) gramaticais e caso morfológico.

Os seis capítulos seguintes tratam de temas específicos em tipologia: ordem de constituintes, sujeito, marcação de caso, orações relativas, construções causativas e animacidade. O penúltimo capítulo relaciona tipologia e linguística histórica, e o último traz a conclusão e perspectivas.

10) Maddieson, Ian (1984). **Patterns of Sounds**. Cambridge University Press.

Este livro apresenta um levantamento de 317 línguas, com o objetivo de chegar a generalizações a respeito dos sistemas fonológicos: sua composição, suas oposições, sua organização. Ele contém 10 capítulos. O primeiro trata do tamanho e da estrutura dos inventários fonológicos, chegando a generalizações como as que seguem. O número de segmentos distintivos ou fonemas varia de 11 em rotokas a 141 em !xũ. O número médio é 31, e a mediana é entre 28 e 29. 70% das línguas entre 20 e 37. O português, com 7 vogais e 19 consoantes, fica pouco abaixo da mediana. Também trata das consoantes mais comuns em inventários pequenos, como /p/, e mais comuns em inventários grandes, como /b/. O capítulo discute a relação entre a saliência fonética e a estrutura dos inventários, chegando a generalizações como: normalmente, /p/ só ocorre se /k/ também ocorrer; só há nasais se houver oclusivas com aproximadamente o mesmo ponto de articulação.

O segundo capítulo trata de oclusivas e africadas, e obtém dados como os seguintes. 51,1% das línguas pesquisadas tem duas séries de oclusivas, como o português, que tem as surdas e as sonoras. 15,8 % tem apenas uma série, 24 % tem três séries. Só 9,1 % das línguas tem mais de três séries (quatro a seis).

53,9 % das línguas contrastam três pontos de articulação nas oclusivas. 32,5 % das línguas contrastam quatro pontos. 11 % contrastam 5 pontos. Esses três grupos somam quase 98 % das línguas.

Mais de 99 % das línguas têm oclusivas bilabiais, dentais (ou alveolares) e velares. O quarto ponto mais comum é o palatal, que apenas 18,6 % das línguas possuem.

A africada mais frequente é o /tʃ/, aparecendo em 141 línguas das 317 línguas. A segunda é o /ts/, aparecendo em 95. A terceira é o /dʒ/, que ocorre em 80. As outras são bem menos comuns.

Há mais seis capítulos semelhantes. Eles tratam das fricativas, nasais, líquidas, aproximantes vocoides, consoantes glotais e laringalizadas, e vogais.

Os dois capítulos finais tratam: da distribuição das vogais no espaço xxx e de como foi planejado o banco de dados UPSID (UCLA Phonological Segment Inventory Database).